

Conversa com artista.
Episódio 11 – Mara Coradello¹

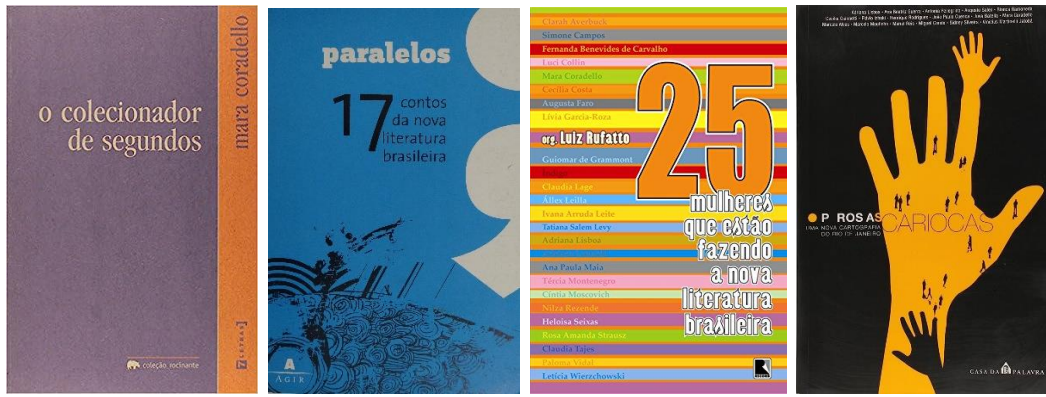
Conversation with Artist.
Episode 11 – Mara Coradello

Flávia Dalla Bernardina*

Meu nome é Flávia Dalla e este é o *Conversa com Artista*. E hoje eu conversei com Mara Coradello, escritora, mestre em Artes Visuais pela Ufes e formada em Publicidade e Propaganda pela mesma instituição. Mãe de Francisco. Publicou seu primeiro livro, *O colecionador de segundos*, em 2003, seguidos das antologias *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* e *Prosas cariocas*.

¹ CORADELLO, Mara. [Trechos do] Podcast *Conversa com Artista* – Episódio 11: Mara Coradello. Entrevista oral a Flávia Dalla Bernardina. *Spotify*, Vitória, jun. 2022. 45min 36s. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0W7YwymhziQQ4n0EwoLq>>. Acesso em: 29 maio 2023.

* Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Capas de obras individual e coletivas de Mara Coradello.

Escreveu crônicas em *A Gazeta*, lançando *Armazém dos afetos*. Outros títulos da autora são *Histórias de amor escolhidas ao acaso*, *Escaras e decúbitos* e *A delicada alegria dos dias comuns*. Em 2021 lançou o livro de poemas *Post its de carne & putrefação*.



Páginas de *A Gazeta*, de 2006 e 2008, com crônicas de Mara Coradello.



Capa e páginas do *Caderno D*, de 2011, com a crônica "Carmélia esteve aqui em casa", de Mara Coradello.

Flávia Dalla Bernardina (FDB): [...] Você está me ouvindo bem?²

Mara Coradello (MC): Estou. Eu costumo falar ao telefone, caminhando pela casa, mexendo em livros, em coisas. E você? Como você fala ao telefone?

FDB: [Risos] Ah, eu também, andando muito e mexendo. Engraçado, a gente parou de falar ao telefone um pouco; a gente tem mandado mais mensagem de Whatsapp, por isso que está sendo muito legal fazer o podcast, porque eu ligo pras pessoas, sabe? E aí a gente retoma um pouco essa coisa meio analógica que era falar no telefone, quase analógico já.

MC: Você sabe que [...] ouvi uma vez uma crítica sobre isso, do Whatsapp, que a gente não ouve mais as pausas do outro; a gente não interrompe mais um ao outro. A comunicação fica absolutamente organizada; são vários monólogos, né? E o quanto isso é falho, porque quando a gente se encontra, de fato, para viver um ao lado do outro, nem que seja por um [falha no áudio] ou no trabalho, não

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples e apreciada pelas autoras. O propósito é expor as ideias de Mara Coradello a respeito de seu processo criativo. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

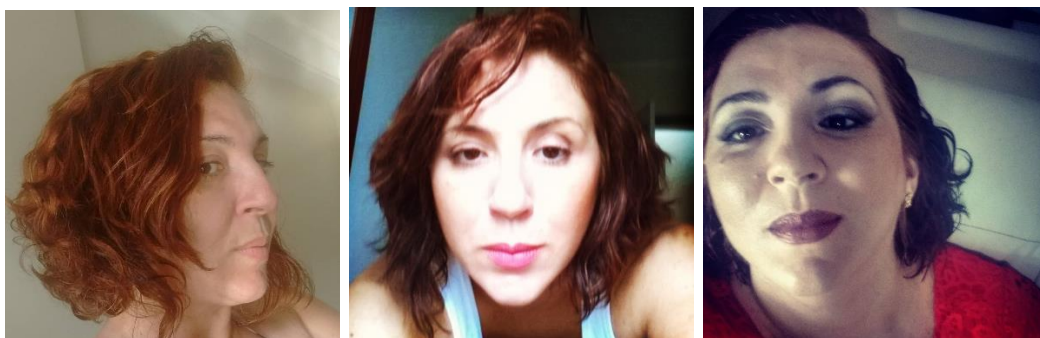
é bem assim, né? A gente tem interrupções, falhas, tem expressões... mas mais ainda, a gente tem interrupções e pausas que os áudios não permitem; eles são perfeitos. Você se reouve ainda; eu me reouço às vezes...

FDB: [...] Os algoritmos, sei lá, essas pessoas invisíveis que criam coisas na internet, aceleram, deram essa ferramenta de aceleração da voz que eu acho muito doido, também; assim, você vira um robô...

MC: Eu também acho. E confesso que eu uso muitas vezes para dar conta do que o mundo provoca na gente, do que o mundo exige da gente; eu ouço às vezes, mas nem sempre; eu faço exercício de não usar toda vez que estou falando por áudio. Eu sou uma saudosista de ligações; com meus amigos mais jovens eu sou a chata que quer ligar, né? E nem só com os mais jovens; tem amigas que detestam ligação. E pior, eu gosto de ligação com vídeo, ainda; conversar de madrugada, tomando vinho. Uma louca, né? [Risos].

FDB: Maravilhoso! Você é do presencial, então?

MC: Mas, aí, depois que acabou a pandemia, eu percebi que não gosto tanto assim. Aí, estou numa *vibe* mais presencial também; estou numa mistura de real com presencial, com virtual, com imaginário. Estou me readaptando ao mundo. Acho que todo mundo está, né, Flávia?



Selfies de Mara Coradello.

FDB: Totalmente, totalmente! Eu ouvi uma frase de um psicanalista, esta semana, que eu até repostei; acho que ele estava mencionando Lacan, mas não vou me recordar: que *a vida é tão real que a gente precisa de muito simbólico e imaginário pra dar conta.*

MC: Menina, que lindo isso. E é isso aí...

FDB: Exato. Acho que é essa tríade, que agora a gente está renovando votos com ela. Porque era de um jeito e, agora, o real está abarcando outras coisas. Então, a gente vai ter que reconfigurar os simbólicos e os imaginários também, junto com ele, né?

MC: Sim. Porque o imaginário agora é o virtual, talvez. Talvez o virtual para algum psicanalista seja o imaginário. Eu mesma tive uma experiência de amor virtual na pandemia, por motivos óbvios. Ele não era daqui; morava com a mãe que é totalmente grupo de risco. E eu não ia pegar um avião em plena pandemia. Eu fui uma daquelas pessoas que fizeram a quarentena, absolutamente verdadeira na quarentena, sabe? Porque eu tinha contato eventual com meu pai, que também é grupo de risco. E aí, as psicanalistas – porque eu tentei fazer análise e comecei a falar desse amor – elas ouviam como irreal, inexistente; e pra mim era muito real [Risos]. Foi talvez um dos amores mais reais que já vivi. Aí tem uma grande discussão...

FDB: Sim...

MC: Mas por falar em imaginário e precisar sair da realidade, eu vou citar – começar logo citando – aquela questão do Nietzsche, que fala que *a verdade é uma ilusão* e fala *que a arte serve pra gente não sucumbir à verdade*. Só que a verdade para Nietzsche é a mentira, a ilusão; é o mundo ordenado, uma verdade posta. Então, eu acho que tem tudo a ver com seu podcast essa frase, que é, até, um clichê, né, Flávia? Junto com aquela outra do Ferreira Gullar, a do Ferreira Gullar eu esqueci agora... Mas eu acho que... deixa eu ver: *a arte pode nos salvar da realidade*, somente a arte... É algo assim.

FDB: É... Ou que *a arte existe porque a vida não basta*, algo assim...

MC: Ah, isso! A arte existe porque a vida não basta. Outro clichê também. E acho que a conversa sobre a arte é muito necessária, porque é o campo da elaboração. Como diria um psicanalista lacaniano, se a gente não tem o discurso – e nós duas fizemos o mesmo Mestrado e aprendemos muito isso – se não temos o discurso do nosso trabalho, a gente acaba ficando, talvez, tateando no escuro – apesar de que um dos livros seus que eu mais gosto se chama *Às cegas*, e que também tem artista que tateia no escuro e faz isso muito bem. Não acho que o discurso seja impositivo, né? Enfim...

FDB: Sim, sem dúvida. E, Mara, você sabe que – aí pra gente entrar nas Letras, especificamente, que são as Artes também – você é a primeira escritora que eu estou conversando, né?

MC: É, eu vi que tinha uma pessoa, que não deu tempo de eu ouvir – eu ouvi o Ficore, ouvi o Dinho [Fernando Marques], que eu tenho paixão pelo Dinho, tenho paixão pelo trabalho de Ficore...

FDB: É, o Dinho escreve também...

MC: E vou ouvir o Marcelo [Ferreira], em breve (não subiu ainda, se eu não me engano...) – eu vi que tinha uma pessoa que faz escrita performativa, mas que é uma bailarina. Eu pensei: Nossa, que honra, eu sou a primeira escritora!

FDB: É. Na verdade, todos de alguma forma trabalham com as Letras. Ficore é músico; o Dinho é dramaturgo; Marcelo também; Aline [Bernardi] tem essa história com a escrita cênica...

MC: Rubiane Maia tem um livro maravilhoso, né?

FDB: Tem. É, as Artes entrelaçam, mas, assim, talvez que eu identifique como ponto de partida ser escrita, eu olho pra você e vejo escritora. E esse movimento me fez voltar a mim, porque tem tempo que eu não escrevo, sabe? E me fez voltar às coisas...

MC: É, eu fiquei a pandemia inteira sem escrever também, acredita?



Flyers de algumas atividades de Mara Coradello durante a pandemia.

FDB: Pois é. Mas aí eu queria saber – porque a vida vai mudando muito, né?, e a gente tem tempos diferentes – como é que... – eu tô falando isso, porque eu me perguntei como a escrita chega na minha vida e eu me dei conta que eu sempre escrevi, desde pequena, e eu não consigo fazer esse marco cronológico de quando que começou –, e me deu vontade de perguntar pra você... Me diz.

MC: Eu consigo... Foi assim. Meu pai me carregava muito no carro dele; ele sempre adorou carros, né? E nós tínhamos os carros mais esdrúxulos, porque ele adorava carros antigos. Ele teve inclusive uma revenda de carros antigos, lá em São Mateus. E nesses passeios com ele – São Mateus tem a fazenda, fazendinha que ele tinha (fazendinha porque não era um grande proprietário de terras, é um pequeno proprietário de terras) –, a gente via muitas placas de sorveteria, lanchonete; em Linhares também tem muitas placas, sempre houve muitas placas lá, outdoors. Na época, acho que nem chamavam outdoors, mas, enfim, vinha dos Estados Unidos essa ideia de propaganda visual e ostensiva. E aquilo me enchia de muita curiosidade, porque eu percebi que havia letras repetidas ali. Então, papai me ensinou a ler com essas placas.



Mara Coradello e seu pai (Acervo da família).

E daí eu comecei a fazer um diário, com sete anos de idade! Um diário que tem frases existenciais – olha como eu era presunçosa, né? – e comecei a ler também. Eu tive sorte de ter professoras maravilhosas no ensino público que eu frequentei. A gente ficava pobre, ficava classe média, ficava pobre de novo, aí ascendia; então, eu passei por vários tipos de escola. E na escola Conhecer, que é de São Mateus, eu tive muito boa ênfase nas Letras. Eu tinha uma grande biblioteca, onde eu lia de tudo. Eu li Sidney Sheldon escondido, eu lia Monteiro Lobato, eu lia *Veja*, na época, eu lia vários autores, por exemplo, *Clarice*, de Érico Verissimo, que foi um livro que me marcou muito, todos da Lygia Fagundes Teles. Então, eu tenho essa história; eu sempre reconto essa história. Mas quando eu comecei a contar histórias mesmo, foi quando eu era mais criança ainda. Minha vó tinha uma mania, mania, não, um gesto muito benevolente de costurar para os mais pobres, para o pessoal que precisava mesmo de roupa, e ela adorava isso, costurar e remendar. E ela tinha um pote de botões, e eu contava histórias para esses botões... Uma vez, eu dando uma entrevista para Edney Silvestre, da GloboNews, eu fiquei muito chateada, porque no ar, no ar!, ele me falou que [...] Lia Luft contou a mesma história pra ele. E eu juro por tudo que há de mais sagrado [Risos] – e olha que o que há de sagrado pra mim é muito sagrado pra

mim – que eu não sabia. Então eu me senti uma ladra de uma história de que eu não era ladra, sabe como?

FDB: É. Porque no final das contas a gente está sempre “roubando” alguma coisa de alguém, mastigando isso e devolvendo isso pro mundo de alguma forma, né?

MC: Aí eu sou ladra mesmo. Inclusive meu poema, o único poema que eu escrevi na pandemia, eu falo que os *meus sapatos têm saudade de mim*; não, *meus sapatos acham que eu morri*. E essa frase era um meme de internet. Esse poema me deu bons frutos, porque [...] ele foi compreendido, ele foi comentado por um cara que eu amo aqui nas Letras do Espírito Santo e que supera as Letras daqui que é o Wilberth Salgueiro, que é um dos meus pais literários. Eu tenho pais e mães literários, que me pegaram pela mão e me deram espaço. E ele é um desses caras, assim, generosos ao extremo.



Wilberth Salgueiro (Foto de Paulo R. Sodré) e a capa e a página do jornal *Rascunho* com o artigo sobre o poema de Mara Coradello.

E ele comentou esse único poema que eu fiz, por que a pandemia me doía tanto, Flávia, e eu, meu processo de criação, ele é muito gestacional. Eu sou filha de Iemanjá; descobri há pouco tempo até, porque estou estudando um pouco do Candomblé, e eu estou vendo a questão da criação pra mim. Primeiro, eu vou engendrando as coisas; delicadamente, elas vão se acomodando dentro de mim. Aí, surge uma frase que eu tenho que anotar, ou às vezes não anoto e perco pra

sempre. E esse perder também é literário, também é o incômodo que gera mais escrita. E, na pandemia, eu não tinha tempo de gestar. Eu estava gestando o tempo do meu filho. E estava parecendo que estava gestando a dor do mundo, cada um de nós. Estava vendo as pessoas próximas indo, ou pessoas próximas quase indo, abusando da sorte, enfim. E o genocídio, que foi a demora da vacina... Falei que não ia entrar em assuntos mais pesados, estou entrando... Vou parar; parei [Risos].

FDB: Mas eu acho que faz parte da vida. Quando a gente está falando da Arte, Mara, e dos processos criativos, como você estava falando aí, a gente está falando da vida. Então, não adianta. É uma coisa só; as coisas não estão separadas.

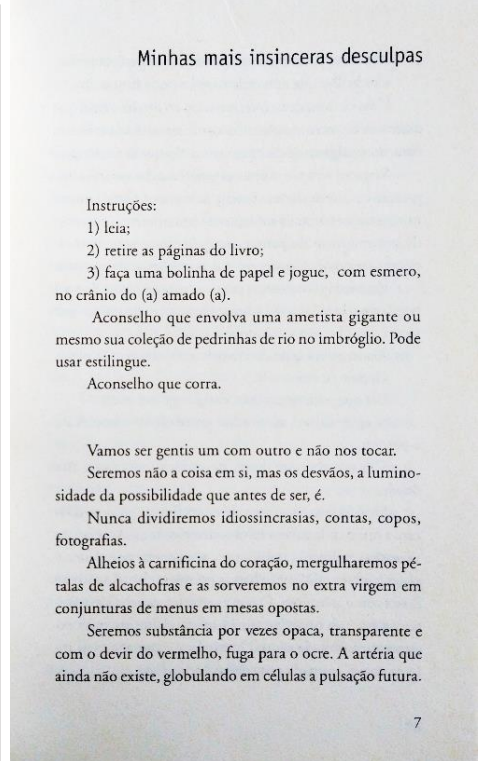
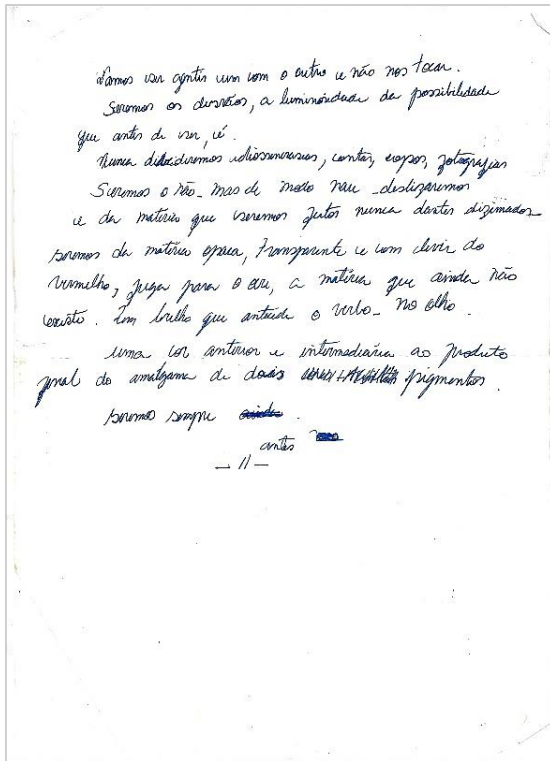
MC: É.

FDB: E eu acho interessante você falar do processo em si e como é que às vezes é difícil a gente elaborar momentos de impacto. É difícil, às vezes, quando você está tendo de dar conta de muita coisa, conseguir escrever *sobre* isso [...]. Aí, eu entro nessa parte: o tempo da escrita. Porque tem essa frase: – Ah, inspiração, mas você tem de estar ali, para a inspiração te pegar trabalhando e tal...

MC: Não acho, não acho isso...

FDB: Eu também acho que não; eu acho que tem aquele tempo que você jorra alguma coisa, sabe? Pode ser romântico isso da minha parte, mas eu acho.

MC: Tem, tem esse tempo. Aí a gente tem de pegar o celular, que a gente tanto critica – vamos elogiá-lo nesse momento –, tem uma coisa chamada “anotações” ou, se não, tem app que a gente fala e ele escreve, muito mal, mas ele escreve pra gente. Depois a gente volta lá, e arruma um tempo quando o filho vai dormir ou quando o filho tá na escola.



Um dos raros manuscritos de Mara Coradello:
trecho de "Minhas mais insinceras desculpas", de *O colecionador de segundos*, de 2003.

Eu comecei a fazer poesia, Flávia, por absoluta falta de tempo. Porque eu sou uma mulher de classe média *média*, às vezes média pra baixo, às vezes dá um *up*. Então, assim, eu não tenho babá, e não tenho uma organização perfeita como eu tinha com minha mãe, porque ela tinha faxineiras; a manicure ia na minha casa. Com a partida dela, isso se afunila meu dia a dia. Aí, me restou a poesia. Mas quando eu falo isso da poesia, eu falo com todo respeito, que é aquela, não é o que restou, é a "posta restante", do Chico Buarque; é aquele endereçado ao eterno mesmo, só que ele é mais prolixo; ele é mais contido ali; elas são cápsulas. Por isso que eu falo que eu não faço poesia, eu faço "prosa esquartejada" [Risos].

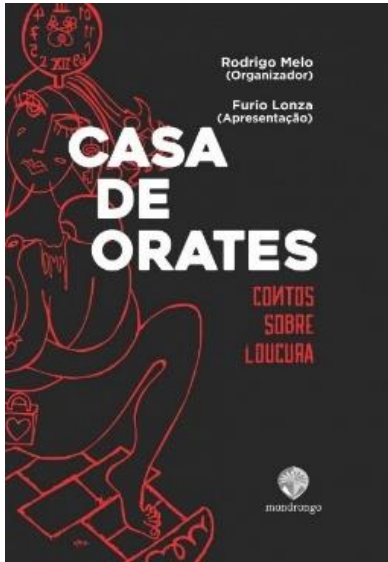


Textos de Mara Coradello postados em sua rede social.



Selfie de Mara Coradello.

FDB: [Risos] Maravilhosa, Mara. Eu tenho que anotar isso: “prosa esquartejada”...



Capa de *Casa de orates*, de que Mara Coradello participa.

MC: Esse termo é do Rodrigo Melo, que ele falou sobre o meu texto. Eu participo de uma coletânea dele sobre a loucura³, sobre um acidente que eu tive com 17 anos – eu tive depressão e tal. Foi muito interessante esse incidente, e pretendo escrever sobre ele. E como eu te falei, antes de nosso encontro agora – eu estou considerando isso um encontro, eu estou te vendo, como se tivesse te vendo; a ligação tem esse dom –, eu quero falar mais sobre minha vida. Eu me sinto agora, com 47 – adoro falar minha idade, não sei até quando eu vou adorar, mas eu adoro... [Risos] –, eu me sinto agora apta a fazer uma ficção de mim mesma, o que eu sempre achei menor, sabe?

FDB: O que não seria uma autobiografia?

³ Trata-se de *Casa de Orates: contos sobre loucura*, uma coletânea de 17 contos publicada em 2016, pela editora Mondongro.

MC: Não, aí, eu já não me acho apta; aí, minha vida não tem nada assim de tão interessante.

FDB: Mas você não acha que a gente ficciona, mesmo quando a gente está falando de si? A gente está ficcionando esse eu. De alguma forma, as autobiografias também são ficcionais, assim.

MC: São. Mas eu vou fazer mais loucuras ainda. A palavra loucura eu uso como elogio, como crítica, como pejorativo; ela permeia meu vocabulário, tá? Vou fazer mais mentira, ainda. Não vou criar uma história que você vai ler e vai reconhecer quem é meu irmão, quem é minha mãe, quem é meu pai. Porque Elena Ferrante me ensinou uma coisa muito linda. Do pouco que eu li dela – porque eu ando com dificuldade de concentração para ler muitas coisas imensas como a obra da Elena (porque ela já surgiu com oito livros, a mulher!), se é que é uma mulher ou se é um conjunto de pessoas ou...

FDB: Sim, e a gente nem sabe se é uma mulher, porque ela faz essa jogada com a autoria, que eu acho muito interessante, também, porque a gente não sabe quem é...

MC: Muito interessante. Tem gente que fala que é um grupo de pessoas, de tão imensa que é a produção dela. Mas no último livro dela, *La frantumaglia* [*Escombros*], fica claro que é uma mulher, né? Ele deve ser o último ou é um dos últimos...

FDB: Ela fala de muitos assuntos femininos, para não ser uma mulher, ou é um cara com o lado feminino muito aguçado, assim.

MC: Mas tem um que é o homem falando. Tem o *Dias de abandono* e tem uma resposta a esse livro que é um homem falando, mas, enfim, eu também duvido que um homem consiga fazer algo tão feminino e tão dentro das perspectivas femininas mais delicadas, mais comezinhas e, ao mesmo tempo, que são tão maravilhosas, como aquela amizade dela com aquela mulher misteriosa e incrível, no *A amiga genial*. Mas, enfim, a Elena Ferrante, ela escolheu fazer esse jogo

para não entregar a família dela. Em respeito aos pais – é o que ela fala –, aos irmãos, aos homens dela, aos filhos. Aquele filme, *A filha perdida*, baseado no livro homônimo, causou muito choque pelo mundo afora. Imagina essa filha se vendo ali retratada?

FDB: Sim, está certíssimo.

MC: Então, eu acho que o ficcionista, que vai falar de si mesmo, ele tem que ter muito cuidado para embaralhar essas cartas. Eu tenho muito respeito pelas pessoas que me criaram, e que possibilitam que eu seja escritora, porque a minha família me ampara muito, nesse sentido. Por mais que não seja lindo, um conto de fadas, um mar de rosas, mas, assim, eu tenho muita base, e sei que pessoas que não têm essa base e têm muito talento, estão por aí sem escrever... Há muitos livros não escritos. Eu tenho até um poema sobre isso, num livro pequenininho chamado *A alegria delicada dos dias comuns*, que é sobre uma escritora de classe média que sabe que tem tantos escritores, aí, geniais que não conseguem nem tempo, depois do dia de trabalho, pra sentar e escrever algo, que não tiveram nem oportunidade de leitura. É muito assustador isso, né?...

FDB: Eu vou te mandar depois esse texto, que eu usei até na dissertação⁴, da Gloria [Evangelina] Anzaldúa, não sei se você conhece essa autora. Acho que ela é mexicana.

MC: Não conheço não. Estou curiosa...

FDB: Eu usei ela na dissertação de mestrado e ela tem um texto que chama "Falando em línguas". Ela diz justamente dessa situação da mulher, especificamente, escritora, mas ela tá falando de mulheres que trabalham no campo. Mas isso, levado às últimas consequências, é assim, ela fala: Escreva na fila do banco, escreva na feira, escreva no banheiro, como ato de pulsação da vida. Porque tudo na lógica, hoje, da gente, enquanto mulher – e não estou falando que é só mulher, muitos homens também, mas assim somos eu e você

⁴ Trata-se de *Reflexões sobre autoria e apropriação na arte contemporânea: de Adrian Piper a Zoe Leonard*, de Flávia Dalla Bernardina, defendida em 2020, na Ufes.

aqui conversando, então a gente tem esse ponto comum – tudo tira a gente desse lugar de inspiração, de um devaneio, desse imaginário que a gente precisa cultivar nessa tríade que a gente começou a falar.

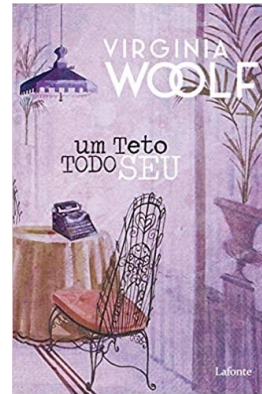
MC: Esse *estado de poesia*, como diz aquele Chico César...



Foto de Mara Coradello de sua máquina de escrever.

FDB: Exato. Quando eu li esse texto, ficou tão evidente pra mim que é preciso confrontar essa falta de tempo ou todos esses desvios que o mundo vai levando a gente, insistir... Aí, é isso, anotar, escrever, quando não tem tempo, quando não pode, nesse lugar que você falou, tão bonito, a “poesia por falta de tempo”. Tem a ver com isso eu acho, também...

MC: Tem a ver com isso e tem a ver com a Virginia Woolf, no *Um quarto todo seu*, que é um livro importantíssimo para nós mulheres – e também pra homens que vivem uma realidade toda carregada, mas mais para as mulheres, sem dúvidas –, em que ela fala que as mulheres têm que ter ao menos um quarto todo seu, e fala também de que os homens não são interrompidos com as tarefas da casa como as mulheres são.



Virgínia Woolf e as capas de algumas traduções de *A Room of One's Own*.

E esse livro escrito a tanto tempo atrás é tão atual, porque a gente vê que as mulheres ainda têm dupla jornada, tripla jornada. E às vezes o pai *ajuda*, não realmente *divide*. Eu vejo muitos pais cada vez mais dividindo – na minha família mesmo –, fico muito feliz com isso. Mas sei que não é uma realidade assim tão simples, porque até o hábito do homem... não está no gesto dele a divisão, de fato, dos cuidados domésticos. Às vezes, mesmo com todo aparato de *casting* pra trabalhar com a gente, a gente tem que organizar tudo.

FDB: É. A nossa cabeça é uma cabeça que abre várias gavetas ao mesmo tempo, né, Mara?

MC: E também tem isso. Eu achei o poema aqui; se quiser eu posso lê-lo.

FDB: Eu quero.

MC: Vamos lá, então. "Testamento"⁵:

Eu mesma tenho tédio
da minha cara de escritora classe média
dentes brancos
cara lívida
Eu mesma me decreto
um simulacro de vida

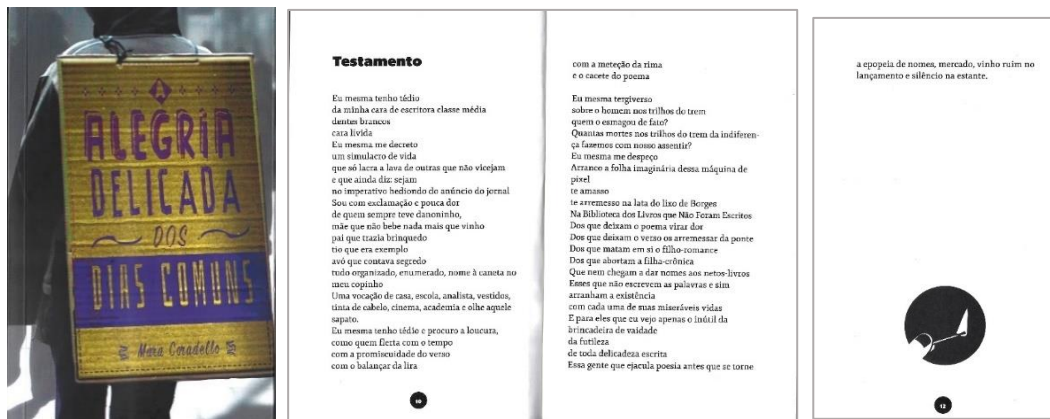
⁵ CORADELLO, Mara. *A alegria delicada dos dias comuns*. Vitória: La Donna è Mobile, 2016. p. 10-12.

que só lacra a lava de outras que não vicejam
e que ainda diz: sejam
no imperativo hediondo do anúncio do jornal
Sou com exclamação e pouca dor
de quem sempre teve danoninho,
mãe que não bebe nada mais que vinho
pai que trazia brinquedo
tio que era exemplo
avó que contava segredo
tudo organizado, enumerado, nome à caneta no
meu copinho
Uma vocação de casa, escola, analista, vestidos,
tinta de cabelo, cinema, academia e olhe aquele
sapato.
Eu mesma tenho tédio e procuro a loucura,
como quem flerta com o tempo
com a promiscuidade do verso
com o balançar da lira
com a metecção da rima
e o cacete do poema.

Eu mesma tergiverso
sobre o homem nos trilhos do trem
quem o esmagou de fato?
Quantas mortes nos trilhos do trem da indiferença fazemos
[com nosso assentir?

Eu mesma me despeço
Arranco a folha imaginária dessa máquina de pixel
te amasso
te arremesso na lata do lixo de Borges
Na Biblioteca dos Livros que Não Foram Escritos
Dos que deixam o poema [não] virar dor
Dos que deixam o verso os arremessar da ponte
Dos que matam em si o filho-romance
Dos que abortam a filha-crônica
Que nem chegam a dar nomes aos netos-livros
Esses que não escrevem palavras e sim
arranham a existência
com cada uma de suas miseráveis vidas
E para eles que eu vejo apenas o inútil da
brincadeira de vaidade
da futilidade
de toda delicadeza escrita
Essa gente que ejacula poesia antes que se torne
a epopeia de nomes, mercado, vinho ruim no
lançamento e silêncio na estante

Terminou. E o livro caiu; fez até um ploft aqui também.



Capa do livro *A alegria delicada dos dias comuns* e as páginas com o poema "Testamento", de Mara Coradello.

FDB: Mara, depois de uma dessa, é silêncio... Caramba! Tem umas algumas pessoas que me fazem continuar nas coisas que eu quero fazer ou que me inspiram a fazer; escrever, por exemplo. E sempre que eu preciso de alguma inspiração, tem pessoas que eu leio, e você é uma delas...

MC: Nossa! Esse é o melhor elogio que uma escritora pode receber, sabia?

FDB: Tem pessoas que eu procuro. Não tem aqueles textos que você vai lá? Tem uma agudeza na sua escrita... E ouvindo você, essa agudeza, ela ganha outra tonalidade ainda. Porque na sua voz também...

MC: Esse poema nasceu daquele homem que o trem passou por cima dele; não parou. Lembra disso? Dessa existência em que o trem não parou. E eu comparo essa existência – o trem não parando – com a nossa também, se a gente não parar pra escrever, sabe, Flávia?

FDB: Tem tudo a ver com o que a gente está falando, inclusive.

MC: É.

FDB: E Mara, deixa eu perguntar uma coisa que eu fico curiosa também. Porque eu acho os títulos de seus trabalhos muito interessantes. Como você chega? Ele chega antes, depois; ele ressoa durante a escrita?

MC: Nossa, aí, eu sou publicitária ao extremo. Eu escrevo tudo e depois eu faço uma tentativa de fazer o melhor título possível. Eu faço trabalho árduo de dias, semanas, meses, anos. Eu já ganhei edital com nome e mudei. Dei o maior trabalho à Secult; tive que levar advogado e tal. Porque o nome era *Fora do ar* e eu queria *Histórias de amor recolhidas ao acaso*. E ganhar um edital com nome e mudar depois é uma loucura, porque envolve verba pública, uma política pública muito séria. Os editais da Secult, tenho total serenidade de afirmar que eles são ilibados. Eu sei, porque já fui uma pessoa muito crítica a governos, uma pessoa malquista mesmo [Risos], que tuitava contra algumas coisas e, ao mesmo tempo, eu passava nos editais. Então, essa lenda de que é um balcão de negócios, isso existia antes dos editais. Mas, enfim, os nomes são sempre por último e eles tentam fazer uma coisa que eu não tenho: eu não tenho projeto de livro, amarração de livro. O livro vai sendo jorrado, como você falou – vou copiar o seu termo agora – e eu vou amarrando ele do jeito que eu consigo, assim, uma colcha de retalhos. Aí, o título tem essa incumbência, o título *pesa* mesmo. Menos no romance *Escaras e decúbitos*, que esse título veio porque tem tudo a ver: *escaras de decúbitos* – o termo certo é esse; eu usei diferente –, é de pessoas que ficam muito tempo na mesma posição, pessoas em coma, por exemplo, ou mesmo no caso de pessoas induzidas ao coma. E esse personagem principal do romance está em coma, e todo o romance gira em torno dele, que não fala. Já é uma crítica minha à posição do homem como “o chefe”, “o líder”, o que tem os melhores empregos, o que pode ter várias amantes, o que mata mais, por causa de sermos apenas mulheres, do que nós os matamos por serem homens – nem se compara essa estatística... Mas o romance não tem tema e não é sobre feminismo, não é sobre o machismo. Quando eu escrevo eu não sou feminista. Eu acho que sou muito “mulherzinha”, sim, romântica; sempre sobre o amor, sobre o silêncio, sobre a própria escrita, que também é um amor.



Capas de narrativas produzidas por Mara Coradello.



Mara Coradello no lançamento de *Escaras e decúbitos*, no Centro Cultural Sesc Glória, no Centro de Vitória, em setembro de 2015 (Foto sem crédito). Abaixo, o flyer do lançamento.



**PAINEL
LITERÁRIO**

**16 DE SETEMBRO
ÀS 19H**

SALA DA PALAVRA

CLASSIFICAÇÃO LIVRE

ENTRADA FRANCA




“PONTO MORTO” E “ESCARAS E DECÚBITOS”



Ponto morto – Saulo Ribeiro

Em “Ponto morto” há olhar para fora de Vitória, ampliado à medida que o narrador-personagem circula por uma maior variedade de espaços: ele percorre a região metropolitana, no entorno da capital (Serra, Vila Velha, Cariacica, Guarapari), e, inversamente, se entranha de modo mais profundo à ilha, em incursões a comunidades dos morros e à “Baía Noroeste”.

O observador que apreende a paisagem urbana está constantemente em movimento: a bordo de um carro, em caminhadas a pé pelas ruas ou em giros a esmo numa motocicleta em alta velocidade – comportamento à beira do autodestrutivo, que exprime, em grau máximo, a “vontade de partir” (“Ponto morto”, p. 93) de uma cidade onde os engarrafamentos ganham proporções gigantescas e até “os bichos (...) estão enluquecendo” (“Ponto morto”, p. 39).



Escaras e Decúbitos – Mara Coradello

Um recorte da vida de um pintor da década de 70 frente à desconstrução do cânone modernista das artes plásticas, ao mesmo tempo em que vê tudo que acredita cair por terra perante a tomada do poder pelas forças da oitadura. O caráter peregrino e transmutador do feminino que se põe alguns passos atrás do homem, dele esse feminino é guardião ou controlador? Tudo isso narrado em primeira pessoa por um homem que saiu de Vitória na década de 80 e se confunde com o Rio de Janeiro.



Mara Coradello na época da produção de *Escaras e decúbitos* (Foto sem crédito).

Estou lendo a Bell Hooks agora, que está me deixando... Nossa, muito bom.



Bell Hooks (Foto de *Karjean Levine*)

FDB: Maravilhosa. É, são aquelas escritas, aqueles pensamentos que dilaceram a gente, porque elas fazem a gente também acordar para umas outras coisas

que a gente não estava ainda... Então, tem escritores e escritoras que fazem isso. E, aí, eu fico querendo saber – você falou que está lendo a Bell Hooks – suas referências, quem é que te dá vontade de escrever quando você lê e quem você está lendo agora com mais afinco.

MC: As primeiras referências mais importantes são: a primeira de todas, Lygia Fagundes Telles, que me fez desejar escrever, sabendo que eu nunca chegaria àquele patamar, e nunca chegarei. A segunda referência foi uma escritora que eu achei no Ensino Médio, na biblioteca da minha escola, que eu pensei: Nossa, ela não escreve enredo; eu posso escrever, então! E que se chama simplesmente Clarice Lispector. Que eu achei que havia descoberto uma escritora... [Risos] Você acredita nisso, Flávia?



Lygia Fagundes Telles (Acervo do Instituto Moreira Salles).



Clarice Lispector (Foto sem crédito).

FDB: Quem começa um texto com vírgula autoriza a gente a fazer qualquer coisa...

MC: Ela autoriza exatamente a ser tudo que a gente quiser: a ser um peixe, a ser um cachorro, a ser uma barata, a ser tudo. Qualquer devir é possível ao ler Clarice. Por isso que ela é tão necessária, né, Flávia?

FDB: Quem escreveu *Água viva* deu essa alforria pra gente; ela, no caso. É uma carta de alforria.

MC: *A paixão segundo GH*, também. E tem um livro de cabeceira, que é *A descoberta do mundo*, que é meu livro de cabeceira.

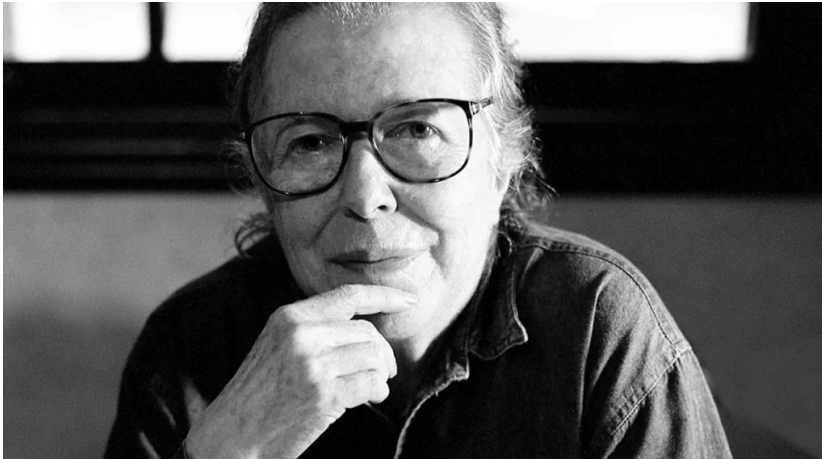


Capas de narrativas de Clarice Lispector, referência fundamental para Mara Coradello.

FDB: Que foi um dos primeiros, né?

MC: Além delas, tem outras mulheres: Hilda Hilst, e tem aqui no estado a Bernadette Lyra, e tem jovens mulheres como Ingrid Carrafa, tem a Fernanda Tatagiba, e tem duas mulheres, uma não ganhou o Nobel ainda, mas eu acredito que vai ganhar, que é a esposa de Paul Auster, que chama Siri Hustvedt – eu não espirrei agora não, é o sobrenome dela, *Siri Hustvedt*, alguma coisa assim –

e tem a Alice Munro, que era uma aposta minha pro Nobel – olha, eu sou boa em aposta pro Nobel, hein! [Risos] – e ela ganhou de fato.



Hilda Hilst (Foto de Juan Esteves).

FDB: [...] É mesmo? Eu sabia que a esposa de Paul Auster escrevia, mas não sabia que ela estava nessa projeção toda.

MC: Quem? A Alice Munro?

FDB: Não, a Siri. Porque ele fala dela em algum livro, se não me engano. Não sei se é no *A invenção da solidão*; não sei qual é que ele menciona ela.

MC: Ah, eu tenho poucos livros dela; tenho três livros dela. Porque eu tenho mania, Flávia, tenho um truque para te contar, assim, de escrita: eu nunca leio a obra completa de um autor, porque eu acho que vai me impregnar demais. Ainda mais com um autor como Siri Hustvedt, Paul Auster, Clarice Lispector, Guimarães Rosa. Têm um poder muito grande de contaminar pra sempre. É uma contaminação mesmo. A Clarice, eu bobeei muito com ela; eu a deixei me contaminar, sabe? É muito difícil ouvir que eu pareço com Clarice; até fisicamente, já me falaram, eu pareço com ela...



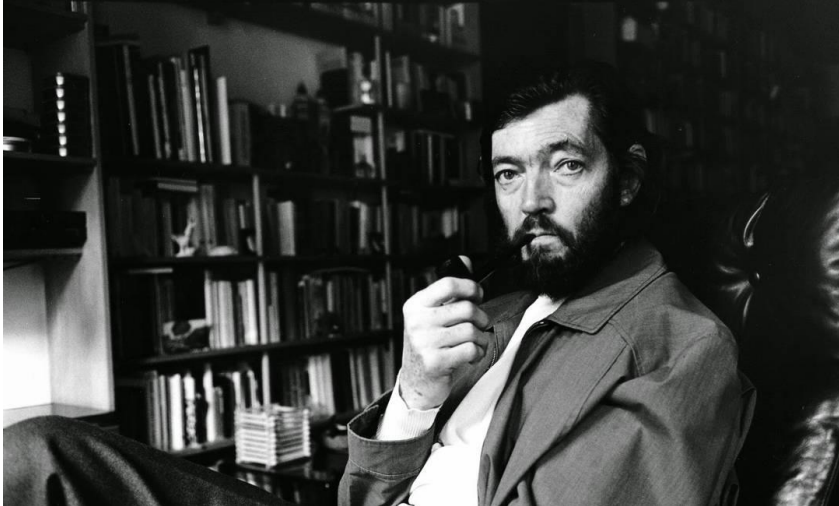
Mara Coradello (Foto de Diego Nunes)



Selfies de Mara Coradello.

FDB: Acho que eu mesma já falei isso pra você, uma vez que eu te encontrei... [...]. Eu entendo o que você está falando, porque é isso, tem um modo de escrever; porque isso é estilo. Eu gosto de pensar nessa ideia de autoria como estilo, que é o jeito de fazer as coisas. E tem umas que atravessam a gente de um jeito que você fala assim: Como é que eu vou continuar depois disso, depois que eu li isso?

MC: Pois é! Ele falou tudo, ele fez tudo, até coisas muito simples, como Bukowski, por exemplo, que é muito criticado, mas eu não consigo ler muito Bukowski, se não eu começo a escrever falando de bebida, de mulheres, de noitadas. Eu não posso me deixar contaminar assim. Por exemplo, o Julio Cortázar, que é um cara que eu sou apaixonada, que eu li muita coisa dele, mas eu morro de medo do Cortázar...



Julio Cortázar (Foto sem crédito).

FDB: Sim. Ou faz como Borges, que assumia mesmo que não ia conseguir... Porque Borges era esse que também inventava essas histórias a partir daqueles que ele admirava: Shakespeare, Cervantes.

MC: É, eu acho que fiz isso com a Clarice. Eu assumo a interferência dela. Eu conto que eu entrei numa biblioteca e li aquele livro e roubei aquele livro. Roubei aquele modo de escrever. Eu assumo muito meu parentesco com ela. E nesse livro novo⁶ tem até um poema dedicado a Hilda Hilst, e tem outro poema que eu falo "O meu amor lê mais Hilda Hilst do que Manoel de Barros". Então, assim, é sobre o amor, um amor muito cotidiano, que ele come jiló no boteco da estrada. Talvez você goste desse também, porque ele tem uma contundência e uma vagabundagem. E já vi que você gosta do meu texto assim, uma coisa mais aguda [...].

FDB: [Risos] É. Eu não sei nem... porque não é previsível isso que atravessa a gente, né, Mara? Simplesmente vem. A arte é essa potência que, quando você viu, você já foi arrebatado. Não tem muita escolha: eu vou gostar disso ou não vou gostar, não está no gostar...

⁶ Trata-se de *Post its de carne & putrefação* (Vitória: Maré, 2021. p. 31).

MC: Ah, eu gosto de catalogar, de tentar descobrir. Eu fiz dezesseis anos de análise – que eu acho pouco – e eu gosto de saber o que me atravessa, tal autor, qual pedaço que me deixou atônita, por que que eu gosto daquele homem... – acho que é por isso que eu não dou tão certo no amor, Flávia, eu quero saber por que que eu amo; não tem como saber, né, Flávia? [Risos].

FDB: Não. Não dá nem pra falar sobre o amor. Eu fico pensando que o amor só dá pra sentir... não sei...

MC: É. Eu sei... agora eu sei: eu queria sempre saber por quê e me livrar daquilo, como quem se livra do lixo do dia a dia da casa, sabe? Porque ficar na mão do outro e o outro na sua mão... o amor é tão terrível que precisa de cúmplice... [Risos]

FDB: Pelo menos uma testemunha... [Risos].

MC: Precisa de cúmplice e testemunha... Pois é. Eu fiquei muito encantada... Está falhando um pouquinho a sua voz... Você pode terminar de falar. Desculpa...

FDB: Não, fala, porque eu quero ler uma parte do *Escaras e decúbitos*... não, do *Post its*, que eu separei pra ler aqui, que eu gostei muito.

MC: Eu quero elogiar uma coisa de seu podcast, que eu ouvi você perguntando pro Ficore como ele chegou àquele estilo dele. Nossa, isso me fez pensar muito. Convido todos vocês que estão aí ouvindo a ouvirem o podcast com Ficore, a ouvirem com o Dinho, com a Rubiane Maia. Essa mulher, Flávia Dalla, além de nos fazer muito bem, a gente, com suas crônicas, de uma delicadeza áspera, ela está trazendo os artistas que quase não têm voz para este podcast.

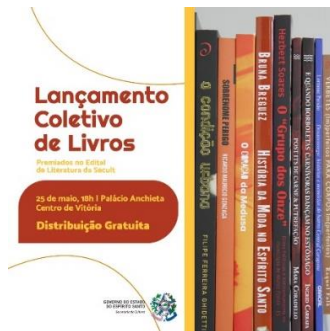
FDB: Puxa, Mara, obrigada!

MC: Agora, sim, você pode me ler. Queria dizer isso.

FDB: Obrigada. É completamente independente e com vontade só de fazer as perguntas que eu sempre quis fazer pra artistas que eu realmente admiro. Mas eu te agradeço muito pelas palavras. E eu quero ler, desse último livro seu, que

é *Post its de carne & putrefação*, que foi um livro virtual ou você chegou a imprimir ele?

MC: *Post its de carne & putrefação*, ele chama assim porque foram poemas que escrevi direto nas redes sociais. Então, ele é todo recortado, ele acompanha o momento político de 2016 até 2018, 2019, por aí. Ele foi impresso com os recursos do Funcultura [Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo], por meio do edital da Secult – e eu não sei bem de qual ano, acho que 2019. Eu publiquei esse livro no meio da pandemia. Foi um livro totalmente publicado de modo virtual, por isso que ele parece tão virtual assim, talvez.



Flyer e foto do lançamento coletivo da Secult, em maio de 2022, no Palácio Anchieta. Mara Coradello é a segunda, na primeira fila, à esquerda (Foto sem crédito).

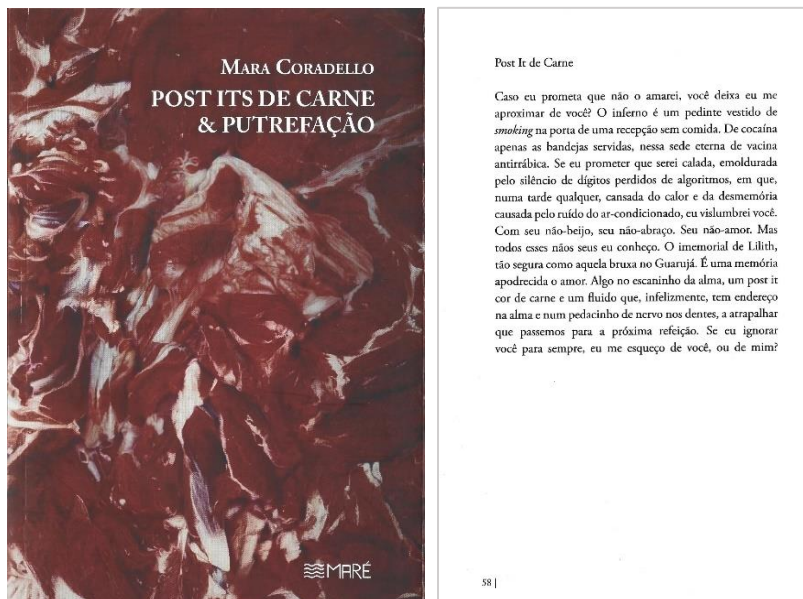
FDB: Sim. Eu achei também que você tinha escrito – porque é de 2021 –, eu achei que você tinha escrito ele durante a pandemia [...].

MC: Não. Você sabe que eu tinha até um poema sobre a pandemia, que eu poderia incluir nesse livro, mas só que eu sou muito respeitosa com o tempo dos livros. Se eu termino de escrever um livro, eu não vou enchendo ele de novos poemas à medida que eu posso. E quando a gente ganha um edital, também, a gente tem que manter uma certa sobriedade e não mudar muito o projeto inicial. Isso pode ser uma espécie de..., sei lá. Não acho ético. E o poema sobre a pandemia, ele é tão sozinho também, que eu não escrevi mais nada. Aí, eu pensei: Não, não vou colocar a pandemia aqui não. Porque eu acho assim, Flávia: está todo mundo *vivendo* a pandemia e aí eu vou *escrever* sobre isso também...? Era uma dor tão lancinante, que eu queria era ver série da Netflix [Risos].

FDB: Sim, desviar um pouco.

MC: É. Assistir *Fleabag*, por exemplo; eu queria [Risos].

FDB: [Risos] Olha, eu vou ler o "Post it de carne"⁷:



Capa do livro *Post its de carne & de putrefação*, de Mara Coradello, e página do poema "Post it de carne".

⁷ CORADELLO, Mara. *Post its de carne & putrefação*. Vitória : Maré, 2021. p. 58.

Caso eu prometa que não o amarei, você deixa eu me aproximar de você? O inferno é um pedinte vestido de *smoking* na porta de uma recepção sem comida. De cocaína apenas as bandejas servidas, nessa sede eterna de vacina antirrábica. Se eu prometer que serei calada, emoldurada pelo silêncio de dígitos perdidos de algoritmos, em que, numa tarde qualquer, cansada do calor e da desmemória causada pelo ruído do ar-condicionado, eu vislumbrei você. Com seu não-beijo, seu não-abraço. Seu não-amor. Mas todos esses não seus eu conheço. O imemorial de Lilith, tão segura como aquela bruxa no Guarujá. É uma memória apodrecida o amor. Algo no escaninho da alma, um post it cor de carne e um fluido que, infelizmente, tem endereço na alma e num pedacinho de nervo nos dentes, a atrapalhar que passemos para a próxima refeição. Se eu ignorar você para sempre, eu me esqueço de você, ou de mim?

Uau! Isso é amor.

MC: Ah, ficou tão lindo na sua voz...

FDB: Isso é amor. Eu tropecei [na leitura do poema] porque suas palavras me fazem tropeçar mesmo. Eu acho que essa coisa do amor... Você traz uma coisa aqui, Mara, que é: quando a gente ama alguém, a gente ama a gente também. Então, "Se eu ignorar você para sempre"...

MC: É. A gente ama muitas vezes o que não está no outro, o que a gente deseja no outro que é o que a gente quer...

FDB: Exato. Ou é o que a gente quer ter na gente de alguma forma, a gente *se encontra* com a gente. E isso de perguntar no final – "Se eu ignorar você para sempre, eu me esqueço de você, ou de mim?" –, que é essa perda de si, quando o outro vai.

MC: E essa coisa que está na moda, agora, Flávia, sempre me incomoda muito. Tipo: "Dê um chá de sumiço que ele te procura", "Passa pro próximo amor se esse não está à sua altura". Aí pegam aquela frase da Nina Simone, "Onde não tiver amor, não se demore". Ah, gente, seria tão fácil... Adoro a Nina Simone, acho maravilhosa essa frase, só que ela mesmo viveu amores longos que não estavam dando certo. Porque não é assim... A gente não consegue se livrar...

[...] Um *colt* não vem contar pra gente essa novidade: Vamos partir pra outra? A gente vai e pega sua bagagemzinha de mão e parte pra outra. Não funciona assim. Eu vejo pessoas da nova geração, principalmente, com essa ideia tortuosa, de rapidez, do que Baumann chamou – fazendo uma crítica, que muita gente acha que ele fez um elogio – de “amor líquido”. E eu sou um exemplo vivo de que... eu amei um homem durante quinze anos, o mesmo homem, e não foi um relacionamento assumido por mim nem por ele; quando ele quis casar já era tarde demais. Aí, eu tive outros amores, que duraram quatro, seis anos, e eu vivo uma paixão virtual, imaginária, há quase dois anos e pouco, da pandemia até agora, o auge da pandemia até essa pandemia silenciosa que a gente está vivendo agora, que dá para fazer tudo, mas mesmo assim com certo receio. Então, eu acho que não tem essa coisa da rapidez, de partir pra outra, de “Tchau, vou embora, porque você falou a frase errada”, não. E essa pessoa, aí, está tentando fazer esse jogo de ir embora, só que ela descobre que ela não consegue. E esse nervinho no dente, pra passar para próxima refeição, é quando a gente, que é dama solteira [Risos], sai, fica com outros rapazes, para esquecer o grande amor, mas não consegue. O grande amor é o grande amor. Eu sou muito romântica, Flávia, muito!



Olha meu status, clica no meu perfil, mas não quebra essa redoma virtual. Isso vai me matar de pixel e te matar de tédio, meu amor.

Botei minha intensidade para desbotar. Enxaguei com lágrimas. Só falta o só Ou o sol.

Encanta-me em meu coração a capacidade de ser pisado e levantar voo.

Meu amor é agora bom, antes eu (des)amava que achava que era



Postagens de Mara Coradello em sua rede social.



Selfies de Mara Coradello.

FDB: Ai, que lindo! Eu me identifico [Risos]. Ô, Mara, assim, é isso; a vida não é... É que está numa chuva de mentorias, como fórmulas pra dizer como que a gente consegue fazer o que a gente acha que tem que fazer. A vida é mais complexa que isso.

MC: Mas a gente sempre gostou de alguém que dissesse pra gente o que fazer: o padre, o pai de santo, nosso pai – em certo momento da vida, depois a gente não gosta mais e procura outra pessoa –, o ídolo do rock, mas agora está demais, não é, Flávia?

FDB: É. Tem muita gente sabendo muito, eu acho. Tem que saber menos. Saber menos acho que faz bem. Não sei.

MC: Ótima frase a sua: “Saber menos faz muito bem” mesmo. Acho que a inteligência está na dúvida e não na resposta.

FDB: Por isso que a arte encanta. E talvez a gente transite nesse meio. Porque a arte é a completa dúvida, não tem, você não chega em lugar nenhum, a arte não serve pra nada. É aquilo!

MC: Nossa, me arrepiei inteira aqui agora. Se você pudesse ver meus bracinhos aqui, meus bracinhos rechonchudinhos arrepiados aqui com essa frase sua. É maravilhoso falar com você, Flávia. É muito tocante. E agora vou ouvir todos os episódios.

FDB: [Risos] Legal! Ô, Mara, e só pra gente fechar essa conversa deliciosa e que me encheu o dia, eu queria que você me falasse: tem alguma coisa que você está trabalhando agora em termos de texto, ou tem algum livro pra sair, o que você tem escrito?

MC: Eu sou aquela escritora que tem a honra, a vergonha e o orgulho de falar que eu não tenho na-da. Se alguém falar assim: Mara, eu sou de tal editora e quero publicar um livro seu. Eu vou falar: Eu preciso de no mínimo seis meses. E estou começando a engendrar esse romance ou prosa poética maior que fala de algumas histórias da minha convivência próxima, durante um tempo, com a loucura. Esse livro estava sendo escrito com esse homem, que eu ainda amo, e ele saiu do projeto – que a gente começa a escrever os dois sobre dois episódios de loucura que nós tivemos, e a gente começa a se mostrar muito em carne viva um pro outro, e esfregar essa carne viva um no outro, e ninguém deu conta [Risos]. E agora estou tentando recolher os caquinhos e fazer a minha história. Com dezessete eu tive um episódio de loucura – quem me falou foi o Dr. Ruy Perini, que é um excelente psiquiatra – e eu quero narrar esse episódio e, a partir dele, contar alguns fatos meus, meu diagnóstico de bipolaridade, mas sem virar um livro com... – que pode ser ou não um diagnóstico definitivo, está em andamento ainda – e alguns fatos sobre a cercania disso, mas sem ser um livro com tema. Porque eu não gosto de livro com tema. Não gosto de escrever com uma função. Como eu te falei, eu acredito na inutilidade da arte e da escrita.

FDB: É isso aí. Maravilhoso. Vou ficar esperando, então. Mara, eu te agradeço muito. Obrigada pelo tempo, pelas Letras, pela arte. Obrigada mesmo.

MC: Eu sempre começo, agradecendo o convite. Com essa ideia do telefonema, aproveito agora para agradecer seu trabalho, esse diálogo. Estou aqui tremendo de emoção, de verdade. Foi muito tocante falar com você. Foi o que eu leio nas suas crônicas: uma delicadeza, uma presença em prol do outro, pra ouvir, pra escutar e pra sentir o mundo; como se fosse uma menina que põe o ouvido, assim, e escuta o mundo na terra, sabe? É isso; é assim que eu te vejo.

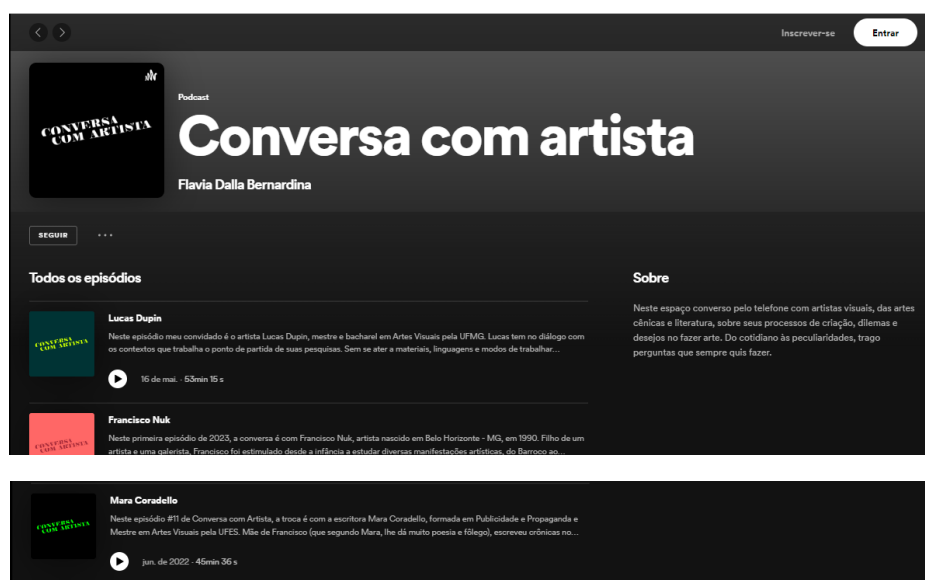
FDB: Nossa, que alegria ouvir isso. Obrigada, Mara. Estou emocionada também, viu? Um beijo grande pra você.

MC: Um beijo grande.

FDB: Tchau!

MC: Tchau!

Você acabou de ouvir *Conversa com Artista*, um projeto independente, uma troca de ideias com artistas sobre seus percursos, processos criativos e obras.





Páginas do podcast *Conversa com artista*, de Flávia Dalla Bernardina, no Spotify, e a página do episódio 11, com Mara Coradello.